



PORTUGUESE A2 – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A2 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A2 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Friday 5 November 2010 (afternoon)
Vendredi 5 novembre 2010 (après-midi)
Viernes 5 de noviembre de 2010 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A, soit la section B. Écrivez un commentaire comparatif.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.

Escolha a Secção A **ou** a Secção B.

SECÇÃO A

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.

Texto 1

“Ah Vóóóóó!” Esta é talvez a expressão mais ouvida nos vídeos daquela que é já a avó portuguesa mais famosa do *YouTube*. O autor da saga de mais de doze vídeos, intitulada “*Portuguese Grandmother*” (A Avô Portuguesa), é Jeff, o neto de 19 anos que sempre que pode arrelia a avó Angelina enquanto a filma para depois difundir na *Web*.

5 O sotaque açoriano está sempre presente, uma vez que a família é oriunda dos Açores e está a viver no Canadá. Entre “sopinhas”, “papos-secos¹” e muitos ralhetes² de chinelo na mão, cada vídeo da avó portuguesa chega a render mais de 80 mil visitas e 200 comentários. Contudo, a senhora Angelina “não gosta das fotografias” que o neto lhe tira e chega mesmo a ameaçar partir-lhe a câmara.

10 O sucesso galgou as fronteiras do *YouTube* e a “portuguese grandmother” é já falada nos mais diversos fóruns e redes sociais. Só no *Facebook*, tem mais de mil fãs, que deixam inúmeras mensagens a pedir mais vídeos e a dizer o quanto se divertem com a espontaneidade da avó. Espontaneidade essa que se deve, seguramente, ao facto da senhora não ter a mais pequena noção acerca do sítio onde vão parar as imagens filmadas pelo neto...

Jornal Diário de Notícias, Portugal (2009)

¹ papos-secos: pequenos pães

² ralhetes: repreensões, discussões

Texto 2

Meu avô

Meu avó morreu com 84 anos no dia 01.04.00. Minha avó morreu com 81 anos no dia 17.07.02.

5 Meu avó era um homem bom que contava várias histórias. Só que eu não lembro muito. O que lembro é que quando eu e a minha irmã brigávamos ele contava histórias de fantasmas pra gente ficar quietos.

Lembro também que ele ensinou minha irmã a jogar cartas (bisca) com três anos de idade. Eles ficavam, às vezes meio dia jogando cartas.

Eu não lembro muita coisa porque eu tinha 7 anos. Da minha avó lembro mais coisas porque quem me cuidava quando eu era criança era ela.

10 Lembro quando minha prima Silvana veio lá em casa pedir uma receita para um trabalho de aula, mas ela não deu porque disse que ia mandar na têvê e tinha medo que a receita saísse errada.

15 Lembro que o grande sonho dela era andar de avião, mas quando compramos a televisão vinham notícias de que os aviões tinham caído. Daí ela dizia que nem morta ela iria viajar de avião.

O nome dos meus avós são Inocente Marcos Passarin e Amabile Marzzaro Passarin.

Rodrigo Passarin, aluno da Turma 82, *Resgate de Histórias dos Avós*, Brasil (2007)

SECÇÃO B

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos.

Texto 3

Não choro por nada que a vida traga ou leve. Há porém páginas de prosa que me têm feito chorar. Lembro-me, como do que estou vendo, da noite em que, ainda criança, li pela primeira vez numa selecta o passo célebre de Vieira sobre o rei Salomão. “Fabricou Salomão um palácio...” E fui lendo, até ao fim, trémulo, confuso: depois rompi em lágrimas, felizes, como nenhuma felicidade real me fará chorar, como nenhuma tristeza da vida me fará imitar. Aquele movimento hierático da nossa clara língua majestosa, aquele exprimir das ideias nas palavras inevitáveis, correr de água porque há declive, aquele assombro vocálico em que os sons são cores ideais – tudo isso me toldou de instinto como uma grande emoção política. E, disse, chorei: hoje, relembrando, ainda choro. Não é, não, a saudade da infância de que não tenho saudades: é a saudade da emoção daquele momento, a mágoa de não poder já ler pela primeira vez aquela grande certeza sinfónica.

Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve em ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em que se bata, a ortografia sem ípsilon, como o escarro directo que me enoja independentemente de quem o cuspiu.

Sim, porque a ortografia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida.

Bernardo Soares, *Livro do Desassossego Vol I*, Fernando Pessoa, Portugal (1985)

Texto 4

As línguas dos outros

Existem cerca de 7000 línguas em todo o mundo: em cada 14 dias extingue-se uma delas. Dificilmente esta notícia poderia receber destaque num jornal português. Desde logo, porque a língua portuguesa não está em risco de extinção e também porque nunca houve, em território português, diferentes línguas em concorrência. Por outro lado, a esmagadora maioria dos portugueses não vê nenhum préstimo em aprender outra língua que não seja o inglês (segundo o estudo “As imagens das línguas na comunicação intercultural,” desenvolvido na Universidade de Aveiro). Aprender várias línguas é até sentido como prejudicial, em sintonia com a crença absurda de que a aquisição de outras línguas pode prejudicar a aprendizagem da língua materna. Também não ajudou a contrariar este cenário o facto de a investigação em línguas ameaçadas só se ter afirmado como **disciplina linguística no final dos anos 70**. É neste âmbito, aliás, que friamente se faz o obituário das línguas do mundo, partindo do reconhecimento de que sempre morreram línguas (caso do etrusco, otomano, sumério e gótico, *etc.*) e estimando que, neste século 3000 venham a desaparecer. É, então, importante fazer o registo, escrito ou áudio, da língua moribunda, para que fique o arquivo, mesmo depois da morte do último falante – e da do paciente arquivista.

Por tudo isto é fácil perceber que as noções de “património imaterial” ou de “política linguística” são música para os ouvidos dos nossos governantes e, enfim, para a população em geral.

Mas em Minde*, Alcanena, há um polícia de profissão que dedica as suas horas vagas a ensinar minderico (tem três turmas!); acontece também que em Munique, há uma aluna de pós-doutoramento que provou que o minderico é uma língua, tendo conseguido da fundação *Volkswagen* financiamento para o estudo e documentação deste projecto.

Se falarmos de minderico a algum nosso conhecido e lhe dermos a conhecer algumas palavras – como por exemplo, gargantear (cantar), tosar (comer), carrancuda (nuvem), zé-pedro (bigode) – desenhar-se-á na sua face, muito provavelmente, um esgar de desdém.

Semanário Sol, *Ver como se Diz*, Portugal (2009)

* Minde: vila situada no centro de Portugal (conselho de Alcanena), conhecida por nela se falar o Minderico, língua desenvolvida durante a actividade dos feirantes que viajavam por todo o país
